

A CONTRIBUIÇÃO DO CINEMA AO ENSINO DE FILOSOFIA E SOCIOLOGIA NAS SÉRIES DO ENSINO MÉDIO

Autor: Giancarlo Marinho Costa¹

RESUMO

O artigo busca compreender a aplicação de recursos audiovisuais durante as aulas de Filosofia e Sociologia no Ensino Médio. Trata-se, pois de abranger, aqui, especificadamente da utilização das imagens em geral e dos filmes na educação, e de que maneira tais mecanismos podem colaborar ao entendimento das finalidades sociológicas, no caso do homem em sociedade e do senso crítico e reflexivo filosófico contemporâneo, e em que medida esse entendimento se fundamenta como instrumentos de ensino-aprendizagem nas escolas.

Palavras-chave: Educação; Filmes; Imagens; Filosofia; Sociologia.

¹ Graduado em Filosofia e pós graduado em Metodologia do ensino de Filosofia e Sociologia pelo Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. giancarlomarinho@ig.com.br; Orientadora: Dra. Rosemary Conceição dos Santos.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo intenciona investigar as práticas metodológicas de ensino aplicadas às disciplinas de Filosofia e Sociologia, no âmbito escolar da educação básica regular, fundamentadas na utilização de recursos visuais como fotografias, vídeos, documentários, pinturas e, aqui em especial o emprego do cinema como ferramenta pedagógica. O relacionamento entre imagem retratada pelo cinema, saber e ensino-aprendizagem mostra-se, assim como o principal foco de abordagem desta pesquisa.

Em uma aparência instrumentalista, as imagens cinematográficas são empregadas na esfera das ciências sociais como coadjuvantes de pesquisa. Nessa perspectiva, as imagens constituem-se como mecanismos do saber e não como saber propriamente tido. Historicamente, o princípio da aplicação desses mecanismos estão envoltos em pressuposições de caráter positivista, segundo os quais uma verdade objetiva é examinável e a rigorosidade do exame é derivado dos processos de pesquisa. Sob esse prisma a imaginação é submetida à observação, ao exame. De acordo com esse modelo, a genuína ciência só é factível a partir da criação de dados efetivos da realidade.

Assim, se inicialmente o cinema se estabelece como uma dimensão de diversão e entretenimento, a seguir, tem-se que as primeiras imagens técnicas engrandeceram as repositórios dos museus, das enciclopédias e arquivos cinematográficos. Expandiram-se práticas de organização de acervos com distintas e inúmeras incumbências museológicas e de exploração, como a elaboração de pesquisas sistemáticas e comparativas (RIBEIRO, 2005).

Nessa perspectiva, as imagens fílmicas são adequadas a partir de um anseio de memória, no empreendedorismo de restaurar a história, preservando os vestígios dos fatos e eventos passados. A imagem cinematográfica é espectadora e, ao mesmo tempo, memória de uma verdade que se conjectura em mudança. As coleções abarcam, então, a incumbência de ordenar esses saberes, essas memórias.

Desse modo, pela pesquisa busca-se determinar a utilização da imagem cinematográficas nas classes escolares, bem como as problematizações de caráter metodológico, teórico e epistemológico, defrontados pelos docentes de Sociologia e Filosofia da educação básica, quando fazem uso destes recursos audiovisuais. Sobretudo, os aparatos imagéticos revelaram-se de grande importância para o entendimento da realidade contemporânea, marcada por uma maciça visualidade que conquista o renome de algo natural e desprotegida de história e contendas de origem ideológica.

Dessa forma, este trabalho destaca a relevância das imagens do cinema à construção dos saberes de Sociologia e Filosofia, já que ambas as disciplinas recentemente tornaram-se obrigatórias nas grades de ensino de todas as instituições escolares do país, e que por meio delas jovens podem ter a possibilidade de relacionar-se com os aspectos sociológicos e filosóficos de pensamento. Justificando, assim o seu estudo.

E, por esse viés a questão norteadora que se presentifica para esse estudo é: Como utilizar as imagens cinematográficas do cinema e qual o seu papel em sala de aula desde uma perspectiva criativa e sensível para os discentes, no

desenvolvimento de um saber escolar sociológico e filosófico?

Este estudo configura-se em uma pesquisa bibliográfica tendo característica exploratória e qualitativa, pois fundamenta-se e se desenvolve a partir de materiais confeccionados e elaborados, constituído essencialmente de obras de autores renomados, de artigos teses científicas.

Esta utiliza a análise da interpretação da realidade estudada, visando diminuir a distância existente entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação [...] devemos utilizar a lógica da análise fenomenológica, isto é, da compreensão dos fenômenos (fatos que acontecem naquele ambiente que está sendo pesquisado), a qual irá descrever e interpretar tais fenômenos". (SILVA, 2003, p. 84)

Este formato de pesquisa busca propiciar o convívio do pesquisador com as teorizações mais importantes dos estudiosos sobre o tema, com a finalidade de aperfeiçoamento dos conhecimentos e a produção de novas teorizações.

2. O CINEMA, O ENSINO E AS REALIDADES SOCIAIS E FILOSÓFICAS

Desde tempos remotos da história do cinema existe a inquietude de se empregar as imagens em movimento na disseminação de saberes. A invenção do cinema modifica todo o panorama do século XX, transformando-o um enorme laboratório de experimentos que se multiplica, suplantando os escopos iniciais de seus descobridores e a incumbência de meramente divertir. Os resultados e modificações desse feto atenuaram, diretamente sobre a reedificação dos modelos científicos das ciências humanas: “[...] que há muito buscam narrar, explicar, apreender os acontecimentos e os fenômenos psicológicos, históricos e sociais que

envolvem os homens nas suas relações.” (NÓVOA, 2009, p. 160)

Os estudiosos de História e os intelectuais da Antropologia são os primeiros a compartilhar a compreensão do cinema e dos recursos audiovisuais em geral, como mecanismos de exame e observação, de transladação e de significação das realidades sociais e filosóficas, além das funções já utilizadas, em aspectos de ilustração e disseminação de pesquisas.

Muitos pensadores questionam a apresentação em forma de espetáculo do mundo pelo cinema e pelos meios audiovisuais, denegando-se aos modelos do pensamento positivista. Concepções filosóficas como as dos teóricos da Teoria Crítica, no estabelecimento do pensamento dialético e do estado complexo da Filosofia Analítica, apontam como esfera de pesquisa os meios de comunicação de massa, e conferem ao cinema as adaptações de uma indústria cultural a partir das incongruências primordiais da moderna sociedade capitalista.

Mesmo dando ênfase as artes cinematográficas, os pensadores frankfurtianos, as consideram, também como arte menor. Já Walter Benjamin interliga as transformações do aparelho perceptivo do pedestre no trânsito urbano com a vivência do espectador de cinema, invocando fixação às novas maneiras de criação e a centralidade do cinema no século XX, nas palavras do autor:

A reprodutibilidade técnica da imagem não só mudou os nossos modos de expressão e comunicação, como mudou também os nossos modos de percepção da realidade, de um modo distinto do das culturas letradas, nas culturas eletrônicas audiovisuais, encontramos uma flexibilidade que permite a articulação de elementos de variados mundos culturais, coexistindo lado a lado com diferentes temporalidades. (BENJAMIN, 1996).

O cinema surge como ferramenta metodológica e uma opção

educacional à exploração de temas e conceituações sociológicas e filosóficas. As representações de verdades e pretensas universalidades que são demonstradas no cinema podem ter já sido descritas, porém a seu aproveitamento pelo cinema é expressivamente distinto. A proposição de uma temática, pode ser mais branda vista pelo olhar do cinema. Segundo Merleau-Ponty, no caso do cinema, sua significação: “[...] O sentido do filme está incorporado no seu ritmo tal como o sentido de um gesto é imediatamente legível no gesto, e o filme não quer dizer nada mais do que ele próprio. A ideia é aqui reconduzida ao seu estado nascente.” (MERLEAU-PONTY, 1983, p.73)

Nesse sentido, Merleau-Ponty sentencia, sobre o cinema e o filme: “[...] quando percepciono, não penso o mundo, ele organiza-se perante mim” (IDEM, 1983, p. 91), e “[...] uma realidade nova que não é apenas uma simples soma dos elementos utilizados” (IBIDEM, 1983, p. 69), ou “[...] é através da percepção que podemos compreender a significação do cinema: não se pensa o filme, percebe-se.” (IBIDEM, 1983, p. 104)

Assim, seguindo o raciocínio terminológicos do autor, se pode ainda ser qualificada de ritmo e demarcada como componentes não somente de caráter visual evidentemente, mas, comumente sonoros e de musicalidade. Para manter tal declaração, Merleau-Ponty (1983), denomina a psicologia da forma e uma gramática reduzida da linguagem cinematográfica a clarificarem-se mutuamente, e a ressaltar o caráter imaginativo que ancora o aparente realismo das filmagens.

Assim, para que o cinema possa aduzir conceitos imagem, é necessário a leitura do filme pelo viés da Filosofia ou da Sociologia, de tratá-lo como

um pretexto conceitual, como um conceito sensível e em movimentação.

Na medida em que, se pode procurar uma suposta veracidade e generalidade nos filmes, quer possua ou não sido sugestionada pela sua direção. O cinema é filosófico caso se investigue o filme na ótica conceitual, como encadeamentos de conceitos demonstrados ou conceitos observados, e, é sociológico se abranger conceituações humanas inseridas no seio social (ALLEN; SMITH, 2005).

O cinema pode estabelecer uma *práxis* pedagógica essencial na contemporaneidade, visto a natureza da pluralidade de imagens, que são produzidas e recriadas permanentemente, ao modelar a imaginação e representar diversas realidades na monotonia dos sujeitos. Pode auxiliar como guia ao debate da ação filosófica, o qual, sob a linha fictícia de uma representação de realidade, pode motivar o crescimento cognitivo do expectador, defronte a uma problematização presenciada no enredo e nos temas, talvez podendo estabelecer um entendimento da realidade (FISCHER, 2007).

Em outra medida, facilitar uma discussão visando o esclarecimento de problematizações no que concerne à vida humana, visto que a linguagem cinematográfica não se configura a mesma linguagem aduzida pelo discurso científico, sociológico ou filosófico, em que concepções como 'verdades' ou 'falsidades', não possuem tanta valoração quanto nos três discursos acadêmicos. O que se assiste no cinema não são concepções ideias, mas conceitos imagens CABRERA (2006).

Para o cinema, ao oposto do que tenta inúmeras vezes a Filosofia –

em edificar uma oratória de verdade e universalidade, a contenda não necessita estar limitada no questionamento de uma concepção lógica, mas assenta o espectador a frente de circunstâncias imprevistas, de uma experiência pessoal, expostas pelas nuances das cenas de um filme ou pelo seu arcabouço de cenas. As delimitações de uma película ou filme são distintas daqueles mostrados pela vida, em que a perspectiva técnica projeta uma imagem numa fração de tempo deliberada CABRERA (2006).

Através da ótica contemporânea educacional, se pode determinar uma individualização racionalista na diligência de explicação e compreensão relacional do homem consigo mesmo, do homem com seu semelhante, e dos homens com a realidade no qual estão incorporados ou inseridos.

Nesse contexto, o cinema, enquanto expressão artística, diversas vezes é dito como local da procura de lazer, para a melhoria dos saberes e enriquecimento do arcabouço cultural dos sujeitos. Uma discussão da utilização do cinema como mecanismo à reflexão filosófica e a conceituações sociológicas, tem se mostrado atual e sua temática propende a lucrar maior espaço nos debates intelectuais (FISCHER, 2007).

A utilização do cinema e dos filmes com seus enredos e tramas, como alternativas para o compreensão da existência dos seres humanos, em que suscita uma racionalidade e distintas maneiras de sensibilidade nos espectadores, faz com que se tenha uma proximidade análoga da racionalidade e dos instintos emocionais, sobre uma trajetória real da vida cotidiana, em que a presença e a interligação dos seres humanos no mundo nos legam a conceituações e teorizações que a Filosofia

e a Sociologia distintamente operam.

Assim, esmo sem a leitura de textos específicos, pode-se fazer deste recurso tecnológico, o filme, um instrumento à debates ou discussões sociológicas e filosóficas, porém a associação do filme com a leitura ordenada sobre as tematizações de questionamentos ou conceitos de ambas as disciplinas, podem acercar os discentes, no prazer pelo seu estudo, bem como com uma melhor significação e discernimento quando da leitura dos seus materiais textuais específicos (MENESES, 2005).

Ao docente, se faz necessário o entendimento, não somente da abordagem do ensinar, mas refletir e compreender em como utilizar os mecanismos de que dispõe para se atingir o objetivo. Desta forma, pode o cinema, por meio dos seus filmes surgir como primordial mecanismo à o aprendizagem da filosofia e da sociologia.

Na literatura gerada pelas ciências sociológicas e filosóficas da imagem, se pode notar a existência de polêmicas sobre o relacionamento entre verdade e imagem. A relacionamento entre Sociologia – Filosofia, e imagem englobam argumentações e questionamentos de intensa complexidade. Raramente os pesquisadores que empregam o seu uso atingem o objetivo de sua especificidade.

Convertida em tema e tratada como fornecedora de informações redutíveis a um conteúdo verbal. Ou como ponte inerte entre as mentes de seus produtores e os observadores, ou mesmo, no geral, entre práticas e representações. Ou ainda, o que é pior – mas já está suficientemente denunciado – considerada como apta a desempenhar tão somente função ilustrativa. (MENESES, 2005, p.40)

Nesse contexto, o que mais preocupa os estudiosos sociais e filosóficos da imagem como instrumento de ensino, é exatamente a autoridade de eminência que a imagem exibe, assim, o poder de confundir-se com a realidade. O filósofo Merleau-Ponty debruça-se ao estudo do cinema, comprovando o realismo a ele peculiar.

O cinema falado, com seu diálogo amiúde envolvente, completa nossa ilusão. Daí, concebe-se muitas vezes o filme como sendo a representação visual e sonora, a reprodução mais fiel e possível de um drama, o qual a literatura só poderia sugerir com palavras, enquanto o cinema tem a sorte de poder fotografar. O equívoco se mantém porque existe, deveras, um realismo fundamental pertinente ao cinema. (MERLEAU-PONTY, apud MENEZES, 2004, p.32)

Vale ressaltar, segundo Menezes (2004), que esse realismo ou poder de persuadir ou convencer, que possui as imagens cinematográficas do cinema e da fotografia, principalmente, mas, também as imagens mais comuns, desorientam o espectador mais puro. Isso torna desafiador a pesquisa e exploração das imagens. Porque tanto o espectador comum, quanto o docente, o sociólogo, o filósofo e, também o cientista, dificilmente assistem filmes ativando seu pensamento crítico e reflexivo contra a ilusão das imagens, em diferenciá-las entre tramas reais e irreais ou ilusórias: “[...] Assim, devemos levar em conta a impressão de verdade que a imagem produz no espectador. (MENEZES, 2004, p. 32)

A concepção de representação indica algo distinto da realidade. A representabilidade de algo ou de qualquer coisa é a produção de outra coisa. Nesse contexto, se a imagem é representação da realidade. “[...] O poder de evidência da imagem não pode ser superado por uma mera operação intelectual, por um ato da

'consciência'. Por isso, a imagem não é uma representação do real, pois a representação não se confunde com o próprio real.” (MENEZES, 2003, p.94)

Logo, é inerente perceber que existe uma grande distinção entre a realidade existente no mundo, com àquelas propositadas e projetadas pelas imagens da telas: “[...] a natureza que fala à câmera não é a mesma que fala ao olhar.” (BENJAMIN apud MENEZES, 2004, p. 38)

Por outro viés, muitos podem supor que os documentários, diferentemente dos filmes de ficção, guardem mais fidelidade ao real dos fatos, dos eventos, pois o diretor abre tentativa de expor, dignamente aquilo que de realmente o fato aconteceu, sem se empregar práticas estratégicas de mediação comunicativas com as personagens, que comumente são indivíduos sociais comuns que representando seus próprios papéis.

De um lado, é o registro de algo que aconteceu no mundo; de outro lado, é narrativa, uma retórica construída a partir do que foi registrado. Nenhum filme se contenta em ser apenas registro. Possui também a ambição de ser uma história bem contada. (SALLES, 2005, p. 64)

Portanto, é exatamente o deslocamento entre o documental e representativo que, estabelece a verídica problemática em face do documentário. De um lado, então, o real; de outro, o imaginativo do autor edificada sobre a realidade, na qual demarcada trama não ocorre naturalmente, mas é, ademais, é edificada, imaginada.

Nesse sentido, os docentes de Sociologia e de Filosofia, que desenvolvem atividades usando as imagens, como instrumento didático pedagógico

em salas de aulas, necessitam atentar às dificuldades que elas requisitam e, sobretudo, levar a cabo todas as suas problematizações, no que tange ao que têm propriamente de sociológico ou filosófico, e não tão somente qualificá-las como mera desenho de um propenso conteúdo ou temática a ser trabalhado em sala de aula.

3. A UTILIZAÇÃO DE IMAGENS COMO RECURSOS NAS AULAS DE SOCIOLOGIA E FILOSOFIA

Para se ter o entendimento sobre a acepção que as imagens alcançam nos processos pedagógicos dos docentes de Sociologia e Filosofia, tem-se que, necessariamente compreender o pensamento destes docentes sobre os desígnios de suas disciplinas no âmbito escolar, pois todo o processo pedagógico necessita uma objetividade e especificidade pré determinada.

Ao se questionar qual poderia ser a objetividade da Sociologia e da Filosofia no Ensino Médio, prontamente diriam eles, citando a postura do pensar crítico e reflexivo, a curiosidade frente ao desconhecido, o saber problematizar, de afastar-se do pensamento do senso comum, na medida em que tanto a Sociologia quanto a Filosofia, tem em si um arcabouço teórico cuja responsabilidade (generalizando) de buscar o entendimento e explicação sobre o homem, e, este inserido em sociedade.

A aplicação de películas em classes escolares infere estágios

antecipados a apresentação da produção e, também componentes que propiciem o emprego dos conteúdos e referenciais demonstrados a partir dos filmes em atividades e possíveis avaliações. O componente mais considerável ou de maior importância está relacionado, entretanto, a utilização dos filmes no transcorrer das aulas, isto é, está no direcionamento que o docente aplica à prática dos discentes para que estes colham os resultados mais satisfatórios possíveis (ALVES, 2001).

Nesse sentido, vale ressaltar, uma vez mais, a orientação sugestiva de um programa antecipado de ações, por meio do qual os docentes possuam a nitidez quanto aos propósitos concernentes à aplicação e utilização do filme; se, por exemplo, o filme pode ser aplicado integralmente ou somente em algumas sequências ou trechos; expressar o relacionamento entre o filme e os conteúdos trabalhados em aula; que componentes essenciais devem ser destacados antecipadamente, durante e posteriormente a apresentação da produção; e, obviamente, as atividades, debates, discussões que serão executadas após a exibição da película (MARTINS, 2007).

O principal requisito de escolha de determinado filme ou imagem pelos docentes pode ser o condicionante de arrolar os conteúdos da aula ao conteúdo do filme, pois a produção somente se faz relevante quando estabelece o desenvolvimento frente aos objetivos sugeridos pela disciplina. Sendo assim, a principal relevância aduzida para a utilização de imagens em sala de aula, é a tentativa de aproximação dos discentes com os conteúdos da disciplina, de maneira mais atraente e prazerosa, já que atualmente as produções cinematográficas e as imagens em geral tornaram-se parte integrante da realidade de todos.

O que o filme mostra é considerado uma verdade a ser observada e sentida. A forma de narrar própria do filme, que possui uma linguagem, uma história, que foi produzido dentro de um contexto determinado, retratando as relações de um tempo, não é questionada e sim aceita. O que se considera é apenas a história que o filme conta e as cenas que mostra como sendo algo real, neutro, independentemente de qualquer situação, momento da produção, etc. (ALVES, 2001, p.109)

Nessa medida, se pode inferir outra hipótese que justifique a escolha dos filmes e imagens como recurso pedagógico pelos professores (as): o desinteresse por parte do aluno. Assim, a produção de uma película pode servir como elo de aproximação entre ele e o universo conceitual da disciplina.

Nesse viés, a utilização de filmes ou imagens em geral, como atividade prática que visa somente complementar ou como subterfúgio para chamar a atenção do aluno finda por substanciar o aspecto tradicional da educação (NOVA apud ALVES, 2001). Assim, neste contexto o emprego de filmes e imagens serviriam tão somente para: “[...] animar as aulas, dar um novo brilho a uma educação que assim revela-se vazia e sem sentido. Nestes casos “os meios são entendidos apenas como dispositivos ou instrumentos utilizados com uma finalidade meramente instrutiva.” (ALVES, 2001, p.100)

O trabalho com imagens nas aulas de Sociologia e Filosofia, pode tornar-se muito satisfatório dependendo da aproximação pedagógica admitida pelo docente. A imagem operada de modo cognitivo – a que deriva do saber, pode proporcionar sapiência – alargando intensivamente qualidade imaginativa. Dito de outra maneira:

Sejam as imagens fotográficas, fílmicas, televisivas ou informáticas a ideia é pensar que as imagens fornecem um “modo de ver” os

acontecimentos, as coisas sem reduzi-la a um documento investido de um “sentimento realista”. (...) É importante ainda situá-las na sua dimensão política na medida em que as convenções resultam de disputas no modo de ver as coisas em determinados contextos histórico-sociais.” (MARTINS, 2007, p. 04)

Em suma, se as imagens resultam de disputas no modo de ver as coisas, conforme Martins (2007), é, precisamente na sua singularidade, ou seja, na maneira, que ancora o saber propriamente sociológico e filosófico da imagem. Os professores (as) podem se dar conta da primordialidade reflexiva sobre a natureza das imagens e dos filmes, relacionam a análise sociológica e filosófica das produções cinematográficas podem estar não somente nos seus enredos, mas na própria produção, na sua configuração, ou seja, a produção em si, também como elemento de análise.

Ademais, se pode analisar a existência de um modo sociológico e filosófico de se analisar e se trabalhar imagens e filmes em classes escolares, mas raramente isso se translada em uma declaração ou proposta pedagógica concreta, devido subsistir uma reflexão metodológica frágil sobre o uso dos recursos audiovisuais da imagem e de produções cinematográficas em salas de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a utilização dos recursos audiovisuais está em grande parte presente no âmbito educacional motivado pela sua relevância à edificação de um processo de ensino-aprendizagem mais preponderante, com mais expressividade.

Entretanto, o emprego destas atividades necessitam de um pensar mais alargado no que se refere a ótica metodológica e, sobretudo, sociológica e filosófica, o que configura que os docentes, de um modo geral, precisam de um conjunto de referências teóricas e, também de *práxis* de trabalho, de modo a reunir condições de proporcionar a edificação do conhecimento, por meio das imagens e dos filmes; indo além da utilização apenas mecanizada dos recursos audiovisuais; perfazendo a existência de uma concepção que cogita o próprio modo de ensinar como segmento do saber ensinado, como integralizante dele, determinando suas particularidades e transferindo a ele suas demarcações.

A utilização das imagens e filmes em sala de aula podem colaborar grandemente à imaginação sociológica e filosófica, numa perspectiva crítica e desnaturalizadora dos processos sociais e filosóficos, na medida em que são empregados como elementos de saber do mundo do homem e a da sociedade, e não, meramente como estratégias ou projetos com viés agradável ou que propicie divertimento com intenção de transferência de conteúdos disciplinares. O princípio educativo é muito mais do que transmissão informatizada sobre determinada temática. Pressupõe em si uma prática humanizadora e social, ou seja, uma experiência coletiva que torna possível o desenvolvimento da imaginação e a visão mais apurada da realidade, de modo a construir no indivíduo as disposições sociais e filosóficas para ações mais sensíveis, portanto, mais humanizadas.

Como resultado do trabalho, demonstrou-se que a utilização de imagens e de filmes, pode cooperar bastante para o saber da realidade social e filosófica, na acepção desmistificadora e desnaturalizadora dos relacionamentos

humanos nas aulas de Sociologia e Filosofia. Porém, ficando claro, que nem sempre isso poderá se assegurar, pois subordina-se pela maneira com que o docente direciona teoricamente suas práticas pedagógicas nas instituições de ensino.

Nesse contexto, a imagem ou o filme só é relevante para os docentes, pelo fato em que se mostra apenas como suporte ao entendimento e transmissão dos conteúdos trabalhados em aula ou como artifício estratégico para atrair a atenção daquele aluno desinteressado. Por outro lado, foi possível detectar, também por meio das leituras, que existe a necessidade cada vez maior em se empregar as imagens e os filmes para além da concepção ilustrativa, mas que isso não se concretiza, por diversos motivos e empecilhos, dentre os quais, a falta de transparência e densidade para um trabalho mais apurado do ponto de vista sociológico e filosófico.

O ferramental tecnológico, se mostra ou se condiciona pedagógico no caso do filme, ao fixar a atenção dos espectadores de um modo, dentro da possível 'realidade' da produção cinematográfica, podendo auxiliar na construção de um elo de ligação a debates e discussões filosóficas e sociológicas, no processo de ensino-aprendizagem executado nas classes escolares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, R; SMITH, M. Teoria do cinema e filosofia. In: RAMOS, F, P. (org.) **Teoria contemporânea do cinema**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005, p. 71-112.

ALVES, M. **Filmes na Escola**: uma abordagem sobre o uso de audiovisuais (vídeo, cinema e programas de TV) nas aulas de Sociologia do Ensino Médio. 2001.

Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Faculdade de Educação, São Paulo, 2001.

CABRERA, J. Cinema e filosofia. In: _____. **O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes**. Tradução Roberto Vinagre. Rio de Janeiro: Rocco, 2006, p. 15-48.

FISCHER, R. **Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas**. Revista Brasileira de Educação, vol 12, nº 35, p. 290-299, 2007. <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 21 mai. 2012.

BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

MARTINS, A. Cinema e Ensino de Sociologia: usos de filmes em sala de aula. In: **Anais CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA**, 13, Recife: UFPE, 2007.

MENESES, U. Rumo a uma História visual. In: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia; NOVAES, Silvia Caiuby (orgs.). **O Imaginário e o Poético nas Ciências Sociais**. São Paulo: Edusc, 2005, p. 33-56.

MENEZES, P. O Cinema Documental como Representificação: verdade e mentiras nas relações (im)possíveis entre representação, documentário, filme etnográfico, filme sociológico e conhecimento. In: NOVAES, Silvia Caiuby et al. **Escrituras da Imagem**. São Paulo: FAPESP, 2004. p. 21-48.

MENEZES, Paulo. Representificação: as relações (im)possíveis entre cinema documental e conhecimento. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.18, n.51 fevereiro de 2003. p. 87-97.

MERLEAU-PONTY, M. O cinema e a nova psicologia. In: XAVIER, I. **A experiência do cinema**. Rio de Janeiro, Graal, 1983.

NÓVOA, J. Cinematógrafo. Laboratório da razão poética e do 'novo' pensamento. In: NÓVOA, Jorge; FRESSATO, Soleni Biscouto; FEIGELSON, Kristian (Orgs.). **Cinematógrafo: um olhar sobre a história**. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Editora UNESP, 2009.

RIBEIRO, José da Silva. **Antropologia visual, práticas antigas e novas perspectivas de investigação**. Rev. Antropologia. Vol. 48 nº 2, São Paulo: Jul/Dez, 2005.

SALLES, João Moreira. A dificuldade do documentário. In: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia; NOVAES, Silvia Caiuby (orgs.). **O Imaginário e o Poético nas Ciências Sociais**. São Paulo: Edusc, 2005, p. 57-71.

SILVA, M. **Métodos e técnicas de pesquisa**. 2. ed. Curitiba: Editora IBPEX, 2003.